

Uma oportunidade perdida? Resenha da novela CAIM de José Saramago
(Lisboa: Caminho, 2009)

Resenha originalmente publicada em inglês, 2010 - por Christopher Rollason -
rollason54@gmail.com

Versão portuguesa por Cláudio Quaresma (Brasil)

**

Eu ofereço minhas breves impressões sobre a última novela de José Saramago, CAIM. Vindo logo após a genial comédia A VIAGEM DO ELEFANTE, CAIM é um dos trabalhos mais sombrios do autor, comparável talvez apenas ao ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ em sua rispidez. Saramago retorna à sua crítica do sistema de crença Judaico-Cristão que ele começou em O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO, fazendo com o Velho Testamento o que fez com os Evangelhos no livro anterior.

Como em O EVANGELHO, Saramago oferece um julgamento ateu do Deus Judaico-Cristão ('o senhor'), visto como um tirano caprichoso e irracional. Ao focar na figura de Caim, ele se posiciona numa longa fila de escritores que, com variados graus de ortodoxia ou ceticismo, tem revisitado o mito do assassinato primal do Gênesis, entre eles, S.T. Coleridge, William Blake, Lord Byron, Charles Baudelaire, Victor Hugo, George Eliot, e, em Portugal, Jorge de Sena. A convenção narrativa unificadora do livro é a aparição de Caim, o andarilho, como personagem – observador ou participante – em uma série de estórias do Velho Testamento. Assim, Saramago revisita episódios do Gênesis e de outros livros do Velho Testamento, como a Torre de Babel, Sodoma e Gomorra, Abraão e Isaac, Moisés e o bezerro de ouro, a queda de Jericó, as provações de Job, etc. Os personagens são praticamente todos figuras da Bíblia, fora a decididamente não-bíblica Lilith, de acordo com alguns a primeira mulher de Adão, mas aqui amante de Caim.

A narrativa se mantém suficientemente próxima das fontes bíblicas até o episódio culminante, uma reescrita radical do Dilúvio de Noé, cujos detalhes completos eu deixo para o leitor descobrir. Irei apenas revelar que a conclusão do livro é sombria e desesperadora ao extremo. Enquanto isto, entretanto, eu chamaria a atenção para o que Saramago *não* fez neste livro.

O mito bíblico de Caim é extremamente ambivalente. Caim verte o primeiro sangue humano, mas o primeiro derramador de sangue de fato é Abel, com seu sacrifício animal. A marca na testa de Caim é um sinal de seu crime mas também um aviso de Deus para que ninguém lance mão sobre ele. A punição de Caim não é vagar para sempre, como muitos erroneamente pensam, mas vagar por um tempo até ele se tornar o fundador da primeira cidade, Enoch. Seus descendentes se estabelecem ali e inventam e praticam as artes e habilidades da metalurgia, criação de gado e música. Mesmo que os Cainitas supostamente tenham perecido no Dilúvio, as artes que eles inventaram permaneceram. Caim e sua família têm, portanto, um lado Prometiano, um aspecto salientado por Hugo e Eliot em seus respectivos poemas 'La Conscience' ('A Consciência') e 'The Legend of Jubal' ('A Lenda de Jubal'), mas não explorado por Saramago. Igualmente, Byron, em suas duas obras dramáticas 'Cain: A mystery' ('Caim: Um Mistério') e 'Heaven and Earth' ('Céu e Terra'), propõe uma eloquente defesa de Caim como rebelde cultural e questionador da autoridade.

Em CAIM, o irmão e assassino de Abel tem o papel de um vagabundo eterno, não um fundador de cidades e artes. A cidade de Enoch aparece na narrativa de Saramago, bem como o filho homônimo de Caim, mas nesta versão a cidade já existe, presidida por sua rainha Lilith, quando Caim chega, e sua semente em Enoque não vai a lugar algum. Saramago simplesmente ignorou o potencial

Prometiano da figura de Caim como rebelde e fundador de artes, e apesar de sua eloquente crítica da teologia Judaico-Cristã, esta novela, no meu entender, finalmente sofre com a excessiva ênfase em um aspecto mais convencional: a do andarilho. Tal alegação, é claro, exige uma exaustiva comparação com as fontes bíblicas e com outras representações literárias de Caim. Todavia, minha impressão é a de que no fim das contas, ganharia Byron.